

Os desafios de uma filosofia para a humanização do parto e do nascimento

Marcos Leite dos Santos¹

RESUMO

Parto e nascimento sempre foram considerados “coisas de mulher”, mas a partir do século XVII o homem adentrou esse universo, construindo a Obstetrícia como uma ciência sob a ótica masculina. O artigo aborda a construção histórica dessa ciência e traz reflexões para reorientar essa prática, identificando os desafios que se apresentam na busca de uma atenção humanizada, com base em evidências científicas e em equilíbrio com a natureza feminina e do planeta.

PALAVRAS-CHAVE: Obstetrícia. Filosofia. Parto e Nascimento. Práticas Baseadas em Evidências Científicas. Parto Humanizado.

Introdução

O parto e nascimento, que sempre foram considerados como “coisas de mulher”, somente abriram suas portas aos homens em meados do século XVII. Ao entrar neste mundo inerentemente feminino o homem o fez pela porta da patologia, gradativamente ocupando mais e mais espaço, rechaçando o conhecimento milenar acumulado pelas parteiras, com isto perdendo o fio da fisiologia e, finalmente, expulsando as mulheres e a própria família do recinto, construindo uma “ciência” sob a ótica masculina.

A história da obstetrícia é a história de uma luta em busca de poder. É a história da exclusão da mulher, da depreciação do universo feminino, da transformação de uma atividade inerentemente feminina, natural

e fisiológica em um procedimento médico, androcêntrico, tecnocrático e cheio de riscos iminentes^{1,2}

No Brasil ostentamos uma taxa de mortalidade materna e perinatal que nos coloca em condições piores do que a Tunísia, Tailândia e México, dentre outros, e muito próximo a países como o Peru e Filipinas. Devo acrescentar um fato nem sempre abordado de que para cada morte materna registrada, outras mulheres sofrem danos à sua saúde, muitas vezes irreversíveis. A cada ano estima-se que 15 milhões de mulheres vivenciam complicações severas relacionadas à forma com que foram atendidas, complicações estas que levam a doenças ou deficiências físicas permanentes³.

A elevada taxa de mortalidade materna denuncia de forma inexorável a lacuna existente entre os ricos e os pobres: para cada mulher que morre por causas relacionadas à gravidez nos países desenvolvidos, outras noventa e nove mulheres irão morrer nos países em desenvolvimento³. Posso afirmar que, além de evitável em sua grande maioria, esta tragédia está associada à injustiça social, pobreza e ausência de garantia mínima dos direitos reprodutivos, onde se inclui a ausência de acesso ao aborto seguro e a não implementação de um modelo adequado de assistência à gravidez, parto, nascimento e ao período pós-parto.

Além disso, tais indicadores negativos estão associados a um modelo intervencionista onde rotinas que foram implementadas no passado em outros países, vendidas posteriormente para as nações menos favorecidas, se perpetuam até hoje, embora careçam de respaldo científico—que produziu o Brasil das “desnecessárias”, da

¹ Obstetra. Maternidade do Hospital Universitário - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Presidente da Rede pela Humanização do Parto e Nascimento (ReHuNa).

episiotomia e da esterilização.

Esta situação coloca a necessidade de mudanças. Para efetivá-las, apresento alguns desafios:

1º desafio: Ter a humildade necessária para tecer uma auto-crítica do papel que a Obstetrícia vem desempenhando.

Para isto algumas perguntas servem para nos orientar.

– Este modelo de assistência intervencionista vem salvando mais vidas de mulheres durante a gravidez, parto e pós-parto?

“Nos EUA os dados científicos sugerem que durante os últimos 10 anos não se observou uma diminuição na taxa de mortalidade materna. Na realidade, dados recentes sugerem um aumento assustador no número de mulheres que morrem durante a gravidez e o parto nos EUA. Portanto, é possível que o aumento do uso de tecnologia de ponta não somente não está salvando mais vidas, mas também está matando mulheres. Esta possibilidade conta com uma explicação científica razoável: a cesariana e a anestesia peridural vêm sendo cada vez mais utilizadas neste país e nós sabemos que tanto a cesariana quanto o bloqueio peridural podem causar mortes⁴”.

– O crescente aumento do uso de tecnologia avançada durante a assistência à gravidez, ao parto e ao nascimento resultou em menor morbi-mortalidade perinatal?

“Nos Estados Unidos não se observa nenhum decréscimo nos últimos 30 anos no número de bebês com paralisia cerebral. O maior matador de recém-nascidos é um peso ao nascer muito baixo, mas o número destes bebês com muito baixo peso ao nascer não diminuiu nos

últimos 20 anos. O número que morre ainda no ventre materno não diminuiu na última década. Enquanto que na última década observou-se uma diminuição do número de bebês que morrem ainda durante a primeira semana de vida, os dados científicos sugerem um aumento no número de bebês que sobrevivem à primeira semana mas apresentam dano cerebral permanente⁴”.

– Mas, cabe aqui contra-argumentar, não foi observada uma verdadeira diminuição nas taxas de mortalidade perinatal e materna, por muitas décadas, até meados do século XX?

“Isto ocorreu não por causa dos avanços na medicina, mas principalmente por avanços sociais como diminuição da pobreza, melhoria na nutrição e melhores condições de moradia. Mais importante, a diminuição da mortalidade é secundária ao planejamento familiar, resultando em menos mulheres grávidas e menos nascimentos. O cuidado médico também foi responsável pela diminuição da mortalidade perinatal, não pelo uso de intervenções baseadas em alta tecnologia, mas devido a avanços na medicina primária, tais como a descoberta de antibióticos e a habilidade e segurança na transfusão sanguínea. Ainda não surgiu qualquer evidência de que as intervenções baseadas em tecnologia de ponta, como o uso rotineiro de monitorização eletrônica fetal durante o parto, tenha contribuído para a diminuição da taxa de mortalidade perinatal⁴”.

O primeiro desafio, então, é ter humildade para reconhecer as limitações deste modelo de atenção ao parto e nascimento.

2º Desafio: Fazer a coisa certa!

◇ Manter ou introduzir apenas as rotinas

comprovadamente eficazes⁵.

◇ “(...) utilização consciente, explícita e criteriosa da melhor evidência científica clínica disponível para tomar decisões sobre o cuidado de pacientes individuais...⁶”.

◇ Associar, na prática diária, a evidência científica com a sensibilidade, a intuição e o conhecimento empírico⁷.

◇ Cuidado centrado na mulher.

◇ Sensibilidade para as necessidades individuais.

◇ Cuidado baseado em evidências científicas.

3º Desafio: Entendimento do estilo de pensamento que serve de arcabouço teórico para o modelo hegemônico de assistência ao parto

Apesar do parto ser um fenômeno universal da fisiologia humana, o local, de que forma, com quem e mesmo quando uma mulher vai parir segue, invariavelmente, determinações culturais desta sociedade².

Em nossa sociedade, independente de quão longo ou curto, fácil ou difícil é o trabalho de parto, a maioria das mulheres é conectada a frascos de soro, e é encorajada a utilização de drogas analgésicas.

O paradigma que gestou e vem nutrindo o atual modelo hegemônico de atenção ao parto e dominando a nossa cultura, modelando nossa sociedade ocidental e influenciando significativamente outras culturas fundamenta-se em várias concepções e valores, destacando-se o entendimento do universo como um sistema mecânico, a visão do corpo humano enquanto máquina, e do corpo feminino como uma máquina defeituosa. E isto tudo associado à visão da vida em sociedade como uma luta competitiva pela existência, a crença

no progresso material ilimitado a ser obtido por intermédio de crescimento econômico e tecnológico e a crença em que uma sociedade na qual a mulher é classificada em posição inferior à do homem é uma sociedade que segue uma lei básica da natureza⁸.

O Modelo Tecnocrático aplicado à saúde incorpora uma visão mecanicista do universo, que segue leis previsíveis, as quais podem ser descobertas através da ciência e manipuladas pela tecnologia, com o intuito de diminuir a dependência do homem sob a natureza e, em última instância, controlá-la.

A utilidade prática deste estilo de pensamento foi, no século XVII, a separação do corpo, da mente e da alma. A **alma** ficou sob a responsabilidade da Igreja; a **mente**, sob a responsabilidade dos filósofos; e o **corpo**, que pode ser aberto à investigação científica, ficou sob a responsabilidade dos médicos.

A metáfora do corpo-máquina e a imagem decorrente do corpo feminino como uma máquina defeituosa constituiu-se na base filosófica da Obstetrícia moderna. A aceitação desta metáfora foi acompanhada da exclusão das parteiras e do surgimento do parto mecanicamente manipulado pelo homem.

Desta forma, impôs-se à Obstetrícia o desenvolvimento de instrumentos e tecnologias para a manipulação e melhoramento do inerentemente defeituoso, logo, anormal e perigoso, processo de nascimento.

4º Desafio: Mudança no Estilo de Pensamento

Ao propor um novo modelo de assistência ao parto temos, necessariamente, que pensar em uma mudança na visão de mundo, ou seja, em nossa percepção do mundo e nos nossos valores e, conseqüentemente, em uma superação da ciência que aprisionou nossa criatividade e gerou um modelo inadequado na maioria dos

aspectos analisados.

Como poderíamos transcender uma visão de mundo e da ciência baseando-se em descobertas científicas oriundas do início do século passado, que vêm sendo questionadas por descobertas mais recentes?

Para superar o velho não seria mais interessante atualizar nossos referenciais teóricos, alinhando-os às descobertas científicas ocorridas recentemente, na virada para o século XXI?

Esta superação passa pela noção do pensamento sistêmico enquanto uma teoria geral que poderia oferecer um arcabouço conceitual para unificar várias disciplinas científicas que se tornaram isoladas e fragmentadas.

Segundo esta concepção, o mundo é visto em termos de relações e de integração. Os sistemas são totalidades integradas, cujas propriedades não podem ser reduzidas às de unidades menores. Em vez de se concentrar nos elementos ou substâncias básicas, a abordagem sistêmica enfatiza princípios básicos de organização. As propriedades sistêmicas são destruídas quando um sistema é dissecado, física ou teoricamente, em elementos isolados. Embora possamos discernir partes individuais em qualquer sistema, a natureza do todo é sempre diferente da mera soma de suas partes⁹.

De acordo com a visão sistêmica, as propriedades essenciais de um organismo, ou sistema vivo, são propriedades do todo, que nenhuma das partes possui. Elas surgem das interações e das relações entre as partes¹⁰.

Desse modo, o pensamento sistêmico envolve uma mudança da ciência objetiva para a ciência epistêmica, para um arcabouço no qual a epistemologia torna-se parte integral das teorias científicas.

Isto requer uma mudança fundamental

no entendimento da ciência, assim como da sociedade. Ou seja, atualizar nossa forma de pensar e enxergar o mundo em que vivemos com base em novos arcabouços, alinhados com o que a ciência (no sentido lato) do limiar do século XXI está trazendo à tona. Reformular nossos conceitos tomando por base uma nova visão da realidade onde a “**separação**” seria substituída pela consciência do estado de **inter-relação e interdependência** essencial de todos os fenômenos - físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais.

Isso significará a formulação gradual de uma rede de conceitos e modelos interligados e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento de organizações sociais correspondentes. Nenhuma teoria ou modelo será mais fundamental do que o outro, e todos eles terão que ser compatíveis. Eles ultrapassarão as distinções disciplinares convencionais, qualquer que seja a linguagem comprovadamente adequada para descrever diferentes aspectos da estrutura inter-relacionada e de múltiplos níveis da realidade. Do mesmo modo, nenhuma das novas instituições sociais será superior ou mais importante do que qualquer uma das outras, e todas elas terão que estar conscientes umas das outras e se comunicar e cooperar entre si⁹.

Este novo paradigma, ao conceber o universo como um todo integrado e não mais como uma coleção de partes dissociadas, ao se preocupar com as gerações atuais da mesma forma como se preocupa com as gerações futuras, deve, necessariamente, estar baseado em uma consciência ecológica profunda.

Será um paradigma onde se reconhece que todas as concepções e todas as teorias científicas são limitadas e aproximadas. A ciência nunca pode fornecer uma compreensão completa e definitiva.

Um paradigma baseado em uma perspectiva ecológica: a partir da perspectiva de nossos relacionamentos uns com os outros, com as

gerações futuras e com a teia da vida da qual somos parte.

Este novo paradigma deverá avançar na discussão da dominação social dentro de uma sociedade patriarcal e androcêntrica, entendendo a dominação de mulheres por homens como o protótipo de todas as formas de dominação e exploração tão comuns em nossa sociedade e, em particular, no modelo hegemônico de assistência ao parto: a instituição hierarquicamente superior ao profissional de saúde, que por sua vez é superior às mulheres, que são obrigadas a se adequarem aos profissionais e às instituições, muitas vezes sendo desrespeitadas e mesmo violentadas pelo sistema.

Conseqüentemente, para avançar rumo a um novo paradigma que dê sustentação à criação de um novo modelo de assistência ao parto e nascimento temos que assumir o conhecimento vivencial feminino como uma das fontes principais de uma visão ecológica da realidade.

Para a construção deste novo paradigma duas novas idéias, que surgiram no campo da ecologia, são de suma importância: comunidade e rede.

Rede

A teia da vida consiste em redes dentro de redes. Em cada escala, sob estreito e minucioso exame, os nodos da rede se revelam como conjuntos de redes menores. Na natureza não há acima ou abaixo, e não há hierarquias. Há somente redes aninhadas dentro de outras redes. Quando esta visão é aplicada à ciência como um todo, ela implica no fato de que a física não pode mais ser vista como o nível mais fundamental da ciência⁹.

Ao adotar a concepção de rede, os fenômenos descritos pela física não são mais fundamentais do que aqueles descritos, por exemplo, pela biologia ou pela psicologia. Eles pertencem a diferentes níveis sistêmicos, mas nenhum

desses níveis é mais fundamental do que os outros. Da mesma forma, o novo modelo de assistência ao parto e nascimento deverá ser construído como uma rede, onde os obstetras, as enfermeiras, as parteiras e todos os outros profissionais envolvidos com o processo se encontrem em um mesmo nível.

Esses profissionais deixarão de ser entendidos como componentes (peças ou engrenagens de um mecanismo) que, em última instância dão o formato final ao modelo de atenção. Esse modelo será definido por meio das inter-relações entre estes profissionais que, a partir de uma ação sinérgica, onde as ações combinadas de muitas partes individuais (campo de saber, forma de aquisição do conhecimento, diferenças profissionais), produzem um comportamento coerente com o todo⁹.

Comunidades

No ecossistema (comunidades ecológicas) todos os integrantes estão interligados numa vasta e intrincada rede de relações. Eles derivam suas propriedades essenciais e, na verdade, sua própria existência, de suas relações com os outros elementos. A interdependência é a natureza de todas as relações ecológicas¹⁰.

Da mesma maneira que nos ecossistemas, a comunidade responsável pela atenção ao parto e nascimento (comunidade social) assumirá que o comportamento de cada membro depende do comportamento de muitos outros. O sucesso da comunidade toda dependerá do sucesso de cada um de seus membros, enquanto que o sucesso de cada membro dependerá do sucesso da comunidade como um todo.

Parceria

Isto leva à aceitação da parceria como uma das características principais destas comunidades. A parceria -a tendência para formar associações, para estabelecer ligações, para viver dentro de outro organismo e para

cooperar- é um dos 'certificados de qualidade' da vida.

O significado desta parceria em nossa comunidade social de assistência ao parto é o poder pessoal e a democracia, pois cada membro da comunidade é entendido dentro de seu próprio papel, sem hierarquia. Na medida em que uma parceria se processa, cada parceiro passa a entender melhor as necessidades dos outros. Numa parceria verdadeira, confiante, ambos os parceiros aprendem e mudam - eles co-evoluem¹⁰.

Estes são os princípios básicos, as sementes que podem ser plantadas neste momento. À medida em que avançamos por um novo milênio, a adoção de um novo arcabouço teórico parece ser indispensável para a própria sobrevivência da humanidade. Esta sobrevivência dependerá do que Capra convencionou chamar de alfabetização ecológica, ou seja, da nossa capacidade para entender esses princípios da ecologia profunda e de viver em conformidade com eles.

6º Desafio: A busca da Paz (parafraseando Leonardo Boff)¹¹

No início tudo era movimento

Tudo no universo é movimento, nada é estático e feito de uma vez por todas. Viemos de uma primeira grande instabilidade e de um incomensurável caos. Tudo explodiu. Ao expandir-se, o universo vai pondo ordem no caos. A ordem surge pelo jogo de relações que todas as coisas têm. Tudo tem a ver com tudo, em todos os momentos e em todas as circunstâncias.

Por causa das relações de tudo com tudo, o universo não deve mais ser entendido como o conjunto de todos os seres existentes e por existir, mas como o jogo total, articulado e dinâmico de todas as relações que sustentam os seres, mantendo-os unidos e interdependentes. A vida, as sociedades humanas e as biografias

das pessoas se caracterizam pelo movimento. A vida nasceu do movimento da matéria que se organizou. As coisas se mantêm em movimento, por isso evoluem; elas ainda não acabaram de nascer. Estão em processo de gênese.

O ser humano passa por sucessivos processos de transformação, mediante os quais constrói sua identidade e plasma o seu destino.

Tudo busca o seu equilíbrio

O caos jamais teria chegado a cosmos e a desordem primordial jamais teria se transformado em ordem aberta se não houvesse o equilíbrio. Este é tão importante quanto o movimento. Movimento desordenado é destrutivo e produtor de entropia. Movimento com equilíbrio produz sintropia e faz emergir o universo como cosmos, vale dizer, como integridade, ordem e beleza.

Que significa equilíbrio?

Equilíbrio é a justa medida entre o mais e o menos. É o ótimo relativo. Possui equilíbrio o movimento que se realiza dentro da justa medida e não é excessivo ou insuficiente.

O que significa a justa medida?

A justa medida é a capacidade de usar potencialidades naturais, sociais e pessoais de tal forma que elas possam durar o mais possível e possam, sem perda, se reproduzir. Esse propósito é alcançado quando se estabelece moderação e equilíbrio. A justa medida pressupõe realismo, quer dizer, aceitação humilde dos limites e aproveitamento inteligente das possibilidades e oportunidades. Esse equilíbrio garante a sustentabilidade de todos os fenômenos e processos, da Terra, das sociedades e da vida das pessoas.

Como alcançar o equilíbrio do movimento?

A própria natureza do equilíbrio demanda uma arte combinatória de muitos fatores e de

muitas dimensões, buscando a justa medida entre todas elas. Pretender derivar o equilíbrio de uma única instância é situar-se numa posição de desequilíbrio. Todas essas instâncias são importantes, mas nenhuma delas é suficiente por si só para garantir o equilíbrio. Este exige articulação de todas as dimensões e de todas as forças.

O equilíbrio evoca a sabedoria, que é exatamente o saber da medida justa, da ponderação dos prós e dos contras, saber que tem sabor porque colhe o melhor de cada coisa e de cada situação, numa atitude eqüidistante da carência e da abundância. A sabedoria representa a habilidade de somar positivamente todos os fatores que favorecem a vida e sua expansão.

A partir dessas idéias, temos condições de apreciar a excelência da compreensão da paz como equilíbrio do movimento. Se houvesse somente movimento sem equilíbrio, movimento desordenado, em qualquer direção, imperaria o caos e teríamos perdido a paz. Se houvesse apenas equilíbrio sem movimento, reinaria a estagnação e nada evoluiria. Seria a paz dos túmulos.

A crise atual: muito movimento, pouco equilíbrio

Consideradas sob a ótica da paz como equilíbrio do movimento, as relações entre as várias categorias profissionais envolvidas na atenção ao parto e nascimento são profundamente destruidoras das condições de paz. Vivemos sendo surpreendidos por radicalismos, unilateralismos e polarizações insensatas. Elas ganham corpo na coibição da atuação das enfermeiras obstetras e no tratamento sectário dispensado às parteiras tradicionais.

A concorrência na economia e no mercado, feita princípio supremo, esmaga a cooperação necessária para que todos esses profissionais e esses saberes possam evoluir.

O pensamento único e hegemônico destrói a diversidade cultural e espiritual. A imposição de uma única forma de produção do saber, com a utilização de um único tipo de tecnologia e de um único modelo de administração, maximizando os lucros, encurtando o tempo e minimizando investimentos (com exceção aos direcionados à compra de tecnologia de ponta), coloca em risco a possibilidade de evoluirmos para um modelo de atenção ao parto que: **reconheça o conhecimento vivencial feminino como uma das fontes principais de uma visão ecológica da realidade.**

As relações profundamente desiguais entre as formas de aquisição do saber e, conseqüentemente, entre as categorias profissionais, umas considerando-se mais corretas do que as outras, reforçam a arrogância, incrementam ressentimentos e aprofundam conflitos. Eis a dilaceração da paz, eis as bases da incompreensão e do sectarismo.

Todos esses antifenômenos são manifestações da destruição do equilíbrio do movimento e, por isso, da paz. Só fazendo funcionar uma nova aliança entre todas essas categorias profissionais, que possuem objetivo comum, porém, papéis diferenciados, inspirada na paz-equilíbrio-do-movimento como método e meta, conseguiremos evoluir para um modelo de atenção ao parto e nascimento, onde a vida poderá florescer e os seres humanos poderão viver no cuidado de uns para com os outros, irradiando justiça, celebrando e perpetuando a paz desde sempre buscada!

“Ao término de um período de decadência sobrevém o ponto de mutação. A luz poderosa que fora banida ressurgue. Há movimento, mas este não é gerado pela força... O movimento é natural, surge espontaneamente. Por esta razão, a transformação do antigo torna-se fácil.

*O velho é descartado,
e o novo é introduzido.
Ambas as medidas se harmonizam
com o tempo, não resultando daí,
portanto, nenhum dano.*

I Ching

Referências

1. Davis-Floyd R. The technocratic, humanistic, and holistic models of childbirth. *International Journal of Gynecology and Obstetrics* 75t Supplement N° 1, ppS5-S23; 2001.
2. Davis-Floyd R. *Birth as an American rite of passage*. 1st. ed. Berkeley. London: University of California Press; 1992.
3. Mirsky J. Birth rights: new approaches to safe motherhood. London: PANOS; Dec 2001. Report n° 43.
4. Wagner M. Technology in birth: first do no harm. In: *Midwifery Today*; 2000.
5. Enkin M, Keirse M, Renfrew M, Neilson J. Effective care in pregnancy and childbirth: a synopsis. *Birth*. 1995;22(2):101-10.
6. Ministério da Saúde (Brasil), FEBRASGO, ABENFO. Parto, aborto e puerpério: assistência humanizada à mulher. Brasília: Ministério da Saúde; 2001. p. 199.
7. Page LA, editor. *The new midwifery*. Edinburgh: Churchill Livingstone; 2000.
8. Capra F. A máquina do mundo newtoniana. In: *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix; 1982. p. 49-69.
9. Capra F. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix; 1996.
10. Margulis L, Sagan D. *O que é a vida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2002.
11. Boff L. Paz como equilíbrio do movimento. *Folha de São Paulo* 2001; 26 Set. Sect. A3.

Artigo apresentado em 10/07/2010
Aprovado em 30/08/2010